



GUIA DO AUTOR

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM LINGUÍSTICA: POR QUE E COMO FAZER?

Sabemos que, infelizmente, nossa formação acadêmica não nos prepara para interagir com um público composto por pessoas que não sejam especialistas. Muitas vezes temos dificuldades em explicar nosso trabalho até para linguistas de outras áreas, e essa falta de habilidade em comunicar nossa pesquisa em uma linguagem simples é um problema que nós, enquanto comunidade científica, devemos enfrentar. Tal problema fica ainda mais claro quando consideramos possíveis parcerias que deixamos de fazer porque os pesquisadores de outras áreas não conseguem entender nossos artigos, e tem uma triste consequência ao constatarmos diariamente o quanto a linguística é pouco conhecida e apreciada pelo público, justamente porque não conseguimos chegar até ele.

Considerando a necessidade de uma melhor comunicação com o público e com pesquisadores de outras áreas, o objetivo deste manual é apresentar algumas sugestões de como escrever um texto de divulgação científica na área da linguística. Não se trata, obviamente, de um conjunto de regras escritas em pedra, e há muitas outras maneiras de se fazer divulgação além das apresentadas aqui. No entanto, esperamos que as ideias e exemplos apresentados facilitem o trabalho de quem decidir escrever sobre linguística para um público amplo.

Comissão Editorial
Revista Roseta

junho de 2018

Esse manual foi inicialmente pensado como um guia para os autores que querem publicar na Roseta, mas não sabem como organizar um texto de divulgação científica. Por esse motivo, decidimos listar algumas dicas e exemplos sobre o que consideramos boas práticas na criação de um texto de divulgação e, ao mesmo tempo, explicar os critérios de avaliação da revista. Os textos submetidos à Roseta são avaliados a partir de duas dimensões: (i) adequação das informações abordadas pelo texto e (ii) adequação da forma ao propósito da divulgação científica. Cada uma dessas dimensões aborda uma série de critérios detalhados a seguir.

PRIMEIRA DIMENSÃO ADEQUAÇÃO DAS INFORMAÇÕES ABORDADAS PELO TEXTO

Quando recebemos um texto na Roseta, avaliamos o manuscrito para verificar a consistência das informações e conceitos apresentados ao público. Consideramos que um bom texto preenche dois requisitos.

A) Os conceitos mobilizados para apresentar o conteúdo do artigo estão definidos corretamente.

Assim como em um artigo científico, as informações de um texto de divulgação científica devem estar corretas. Portanto, é necessário que conceitos mobilizados sejam apresentados corretamente ao público.

B) O conteúdo apresenta conhecimentos produzidos na área da linguística de uma maneira interessante, mas sem simplificações que possam torná-los banais ou incorretos.

Um dos pontos mais desafiadores da divulgação científica é dosar a informação do texto para que ela não fique maçante e, ao mesmo tempo, não incorra em simplificações grosseiras de assuntos complexos. A Roseta tem o compromisso de divulgar o conhecimento produzido por linguistas brasileiros para informar melhor o público sobre como esse conhecimento é produzido. Portanto, não encorajamos a produção de material que trate de questões complexas de forma superficial. Uma forma superficial de tratar um tópico, por exemplo, seria dizer que há consenso sobre algum tema em que ainda há debate. Por mais que o autor trate do tema a partir de uma perspectiva teórica ou metodológica, seria interessante deixar claro ao público que aquilo não é consenso.

SEGUNDA DIMENSÃO

ADEQUAÇÃO DA FORMA AO PROPÓSITO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Estamos acostumados a como organizar e escrever artigos acadêmicos, mas um texto de divulgação científica não segue a mesma estrutura. Por isso, o texto enviado é analisado em sua forma para verificar se ele é uma peça de divulgação científica destinada ao público leigo. Afinal, a Roseta não publica artigos científicos especializados. Para nos ajudar a definir se o texto tem o potencial de despertar o interesse de uma pessoa leiga em linguística, e se pode ser facilmente compreendido por ela, consideramos os seguintes critérios.

A) O destinatário do texto é um público composto por pessoas que não são especialistas em linguística.

Quando preparamos nossos artigos científicos, escrevemos para um público de linguistas e outros acadêmicos que estudam a linguagem. São eles os interlocutores dos nossos trabalhos.

Na Roseta, publicamos textos que são escritos pensando em uma audiência maior. Os textos devem ser direcionados a pessoas que não são especialistas nos estudos da linguagem. Se há um "você" ou "nós" explícitos no texto, ele não deve se referir a um linguista ou à comunidade acadêmica.

B) O texto elege um tópico específico sobre os estudos linguísticos.

A Roseta publica textos na área da linguística. É importante que o texto explore um problema, um fenômeno, um tópico nessa área para apresentá-lo ao público.

É possível apresentar os resultados de um artigo ou tese já publicados, explicando ao público sua importância para a área. Pode-se, também, dar ênfase maior à metodologia da pesquisa, de modo a mostrar ao público como um linguista trabalha e faz suas análises. Por fim, é possível que se faça divulgação de um artigo publicado ou um livro, desde o foco do texto seja a apresentação de um problema da área da linguística para o público leigo.

Discussões teóricas e debates técnicos não cabem aqui.

C) A apresentação do tópico tem potencial de despertar a atenção de não especialistas em linguagem.

Um leitor que não é especialista em linguística pode não ter o interesse natural que nós, linguistas, temos sobre assuntos relacionados à linguagem. Portanto, o início do nosso texto deve convencê-lo de que vale a pena ler o que os estudos linguísticos descobriram acerca de um determinado tema. Não há uma regra clara sobre o que torna a abertura de um texto interessante, mas aqui vão algumas dicas:

i) Antecipe as conclusões

Quando fazemos um artigo científico, geralmente apresentamos a revisão da literatura e os métodos, e só depois apresentamos o resultado. Textos de divulgação não seguem necessariamente essa ordem, e leitores leigos no assunto podem se sentir mais motivados a ler um texto se souberem aonde ele vai chegar. Veja abaixo alguns exemplos:

"Nem sempre as pessoas falam aquilo que dizem que falam" (Título de artigo; Raquel M. Ko. Freitag. in: Roseta)

"A possibilidade de ser simples, dispensar elementos gramaticais teoricamente essenciais e responder “sim, comprei”, quando alguém pergunta “você comprou o carro?”, é uma das características que conferem flexibilidade e identidade ao português brasileiro. A análise de documentos antigos e de entrevistas de campo ao longo dos últimos 30 anos está mostrando que o português brasileiro já pode ser considerado único, diferente do português europeu, do mesmo modo que o inglês americano é distinto do inglês britânico." (Carlos Fioravanti. Ora pois, uma língua bem brasileira. In: Revista Pesquisa Fapesp, edição 230, abr. 2015)

ii) Comece apresentando as perguntas que você pretende responder sobre o tema

Apresentar perguntas que você pretende responder pode não antecipar a conclusão da pesquisa para o leitor, mas instiga a curiosidade e o induz a continuar lendo para saber a resposta.

"É possível saber a classe social de uma pessoa só de ouvi-la?" (Título de artigo. Livia Oushiro, in: Roseta)

"Ciência sem Fronteiras é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional". A descrição está na página oficial do programa, uma iniciativa dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC). Mas quando fala em ciência, a que exatamente o texto se refere? E, principalmente, quando se observam as áreas contempladas, o que não está sendo dito? Ou, para quem trabalha na área da linguística, quais os sentidos que são produzidos por esta ausência, sobretudo com relação às artes e às ciências humanas? (Patrícia Lauretti. Ciência com fronteiras, in: Jornal da Unicamp, 03/06/2016)

iii) Descreva uma situação cotidiana

Começar o texto descrevendo uma situação cotidiana pode aproximar o leitor do problema a ser apresentado, pois dá a entender que ele já se deparou com a questão investigada pelo estudo descrito no texto.

"Toda vez que visito meu pai, é a mesma coisa: fico no meio da revolta dele contra o uso de "a gente". Ele fica indignado porque os jornalistas da GloboNews usam "a gente", "a gente", "a gente". Ele diz que "é um desserviço à educação", é um "empobrecimento da língua", e fica preocupado com o futuro e o que vai ser do mundo, só por causa desse "a gente". Aí, depois de todo o textão, de repente ele solta "A gente precisa pensar no almoço"..." (Raquel M. Ko. Freitag, Nem sempre as pessoas falam aquilo que dizem que falam)

"A sabedoria popular nos diz para não julgar um livro pela capa. Mas quando ouvimos alguém – ao telefone, no corredor, ou que está sentado atrás no ônibus –, imediatamente temos uma impressão da pessoa: homem ou mulher, gay ou hétero, jovem ou velho, de classe alta ou baixa. Deliberadamente ou não, tais impressões podem se traduzir em inferências, de nossa parte, sobre o falante: Que barulhento! Que inteligente! Que mal educado!" (É possível saber a classe social de uma pessoa só de ouvi-la? Livia Oushiro. In: Roseta)

iv) Aborde uma referência cultural comum a todos ou um acontecimento recente

Apresentar um trabalho científico a partir de uma referência comum a todos pode instigar o leitor a continuar a sua leitura, além de facilitar a compreensão da importância e consequências do trabalho.

"Quem já não escutou o famoso Samba do Arnesto de Adoniran Barbosa? Este samba, que é uma das canções mais conhecidas do compositor, nos apresenta um fenômeno presente em todas as línguas: a variação linguística." (Livia Oushiro. "Nóis fumo num encontremo ninguém": o que é variação linguística?, in: Blogs Unicamp: Linguística)

"Recentemente, a exposição Queermuseu do banco Santander reuniu o trabalho de alguns artistas sobre a temática LGBT. Devido à oposição de alguns, que se queixavam de que algumas das obras promoviam blasfêmia contra símbolos religiosos e também apologia à zoofilia e pedofilia, a exposição foi cancelada." (Paulo Silva. O polêmico na língua, in: Blogs Unicamp: Linguística)

D) O texto não apresenta nomenclaturas específicas da linguística, ou, se as apresenta, lhes dá uma definição clara.

Usar termos científico sem a devida explicação impede que pessoas que não são especialistas em linguística tenham acesso ao nosso trabalho. Evite termos como "oclusiva bilabial", "recursividade", "merge", "gramaticalização", "prática discursiva", "harmonia vocálica" etc. Caso decida usá-los, apresente uma definição clara para o leitor.

Veja, abaixo, que o autor prefere usar os termos "R caipira" ou "S chiado" em vez de "r retroflexo" ou "fricativa palatoalveolar", que usaríamos em um artigo científico.

"De acordo com estudos da Universidade de São Paulo (USP), uma inovação do português brasileiro, por enquanto sem equivalente em Portugal, é o *R* caipira, às vezes tão intenso que parece valer por dois ou três, como em *porrrta* ou *carrrne*. (...)

Quem tiver paciência e ouvido apurado poderá encontrar também na região central do Brasil – e em cidades do litoral – o *S* chiado, uma característica hoje típica do falar carioca (...)"

Se decidir usar um desses termos - como a autora abaixo, que evoca a arbitrariedade da língua - tenha cuidado para apresentar uma definição clara ao leitor.

" (...) muitos linguistas defendem que uma das características das línguas humanas é sua arbitrariedade: não há um motivo para usarmos um som em particular para falar de objetos e conceitos específicos. De fato, se pensarmos em palavras como “calça” e “bolsa” e nos objetos que elas nomeiam, não encontramos uma razão para que esses objetos tenham exatamente esses nomes." (Mahayana Godoy. O que há em um nome? Simbolismo sonoro e linguagem, in: Roseta)

REFERÊNCIAS

Fioravanti, Carlos. Ora pois, uma língua bem brasileira. In: Revista Pesquisa Fapesp, edição 230, abr. 2015. Disponível em <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/04/08/ora-pois-uma-lingua-bem-brasileira/>>. Acesso em 8 de junho de 2018.

Freitag, Raquel M. K. Nem sempre as pessoas falam aquilo que dizem que falam. In: Roseta. Disponível em <<http://www.roseta.org.br/pt/2018/05/16/nem-sempre-as-pessoas-falam-aquilo-que-dizem-que-falam/>>. Acesso em 8 de junho de 2018.

Godoy, Mahayana. O que há em um nome? Simbolismo sonoro e linguagem. In: Roseta. Disponível em <<http://www.roseta.org.br/pt/2018/05/13/o-que-ha-em-um-nome-simbolismo-sonoro-e-linguagem/>>. Acesso em 8 de junho de 2018.

Lauretti, Patrícia. Ciência com fronteiras, in: Jornal da Unicamp, 03/06/2016. Disponível em <<http://www.unicamp.br/unicamp/ju/671/ciencia-com-fronteiras>>. Acesso em 8 de junho de 2018.

Oushiro, Livia. "Nóis fumo num encontremo ninguém": o que é variação linguística? in: Blogs Unicamp: Linguística, 3/10/2016. Disponível em <<https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/2016/10/03/nos-fumos-nao-encontremos-ninguem-o-que-e-variacao-linguistica/>>. Acesso em 8 de junho de 2018.

Oushiro, Livia. É possível saber a classe social de uma pessoa só de ouvi-la? In: Roseta. Disponível em <<http://www.roseta.org.br/pt/2018/05/13/e-possivel-saber-a-classe-social-de-uma-pessoa-so-de-ouvi-la/>>. Acesso em 8 de junho de 2018.